



Entrevista com Charles Hanly

Entrevista concedida por Charles Hanly, analista didata da Sociedade Canadense de Psicanálise e professor emérito de Filosofia da Faculdade de Toronto, em 27 de julho de 2008, no Sheraton Porto Alegre Hotel, à comissão editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Luisa Rizzo, Gisha Brodacz, Lúcia Thaler, Magali Fischer, José Carlos Calich, Charles Hanly, Zelig Libermann, Regina Orgler Sordi, Tula Bisol Brum, Neusa Knijnik Lucion.





RP – Temos o prazer de receber hoje o Dr. Charles Hanly, psicanalista clínico, analista didata da Sociedade Canadense de Psicanálise e professor emérito de filosofia da faculdade de Toronto. Também é o presidente eleito da IPA, que tomará posse em 2009 no congresso de Chicago. Sobre o Dr. Hanley, desejamos oferecer aos nossos leitores uma visão geral quanto à sua formação psicanalítica e a seu pensamento clínico teórico atual. Nesse sentido começamos perguntando sobre sua formação, sua trajetória no campo da psicanálise, os autores que mais o influenciaram, inclusive fatores relevantes não psicanalíticos que contribuíram na sua forma de pensar e compreender a mente humana.

CH – Em primeiro lugar deixe-me dizer o quanto me sinto satisfeito em estar finalmente com vocês em Porto Alegre e me encontrar com os editores desta revista na qual eu já tive o privilégio de ter um trabalho publicado.

Você quer que eu fale um pouco sobre o meu treinamento psicanalítico. Primeiramente tomei um caminho não exatamente linear para me tornar psicanalista. Eu estava interessado em filosofia, especialmente em teorias filosóficas que procuravam entender a natureza humana, mas me tornei cada vez mais frustrado com a natureza abstrata, especulativa, conceitual da filosofia que estava estudando, que incluía os gregos antigos, Platão, Aristóteles, Hegel, Descartes e mais os filósofos britânicos como Thomas Hobbes, John Locke, Mill e as filosofias contemporâneas. Cheguei, assim, à formação psicanalítica por uma via bastante peculiar: meu interesse profundo em entender a natureza humana e minha insatisfação com o entendimento que vinha obtendo a partir da filosofia.

Foi então que descobri, para surpresa minha, que, se nos Estados Unidos exigia-se ser médico para se tornar psicanalista, isso não ocorria em meu próprio país, o Canadá. Por acaso, no ano em que eu fiz esta descoberta e tomei a decisão de buscar uma formação psicanalítica, a Sociedade Psicanalítica de Toronto tinha começado a primeira turma de psicanálise. Assim, eu fiz parte de uma de suas primeiras turmas de formação psicanalítica. Para dar uma visão geral desta formação, começo por informar que foi largamente devotada a Freud e a relações objetais da British Middle School, com muito pouca ênfase em Klein.

Eu estava muito satisfeito com a quantidade de Freud que tive que ler e fascinado pela descoberta de que, em Freud, eu havia encontrado alguém com quem concordava intensamente. Isto confirmou-se em um nível psicanalítico mais profundo porque também estava em análise, e uma parte muito importante do trabalho analítico foi entrar em acordo com a realidade da minha parte edípica. A idéia de o complexo de Édipo ser um estágio limítrofe no desenvolvimento de



nossa vida instintiva se tornou minha segunda pele. Tive que aprendê-lo através de uma luta analítica muito dolorosa, mas acabou virando a pedra fundamental do meu pensamento.

E de certa maneira isso me ajudou porque sempre fui apaixonado por literatura e teatro. Quando adolescente li as tragédias gregas da Antiguidade e, enquanto jovem professor universitário, ensinava, entre outras obras, *A República* de Platão. De repente percebi, com a força total do significado desta passagem, que Platão havia antecipado o entendimento de Freud sobre a natureza humana e alçado vôo a partir disso.

RP – *O senhor quer dizer alçar vôo no sentido de que Freud trouxe Platão...?*

CH – Não, Platão estava, de forma intuitiva, ciente da realidade do complexo de Édipo. Mas ele construiu a ética, a epistemologia, a antologia da sua filosofia como uma defesa contra o *insight*. O trecho situa-se em *A República*; ele está discutindo a pergunta de Sócrates: “Como sabemos que existe o mal na natureza humana?” A resposta de Sócrates a isto é: “Nós sabemos devido aos nossos sonhos, os sonhos de até mesmo os mais decentes entre nós.” E então ele descreve o que nós descobrimos nos nossos sonhos: patricídio, matricídio, incesto e canibalismo. Platão teve, assim, até um começo de *insight* kleiniano quanto aos primeiros estágios do desenvolvimento infantil.

Essa foi uma das coisas que me fascinou naquele momento que permanece ainda de grande interesse para mim, uma vez que me interesse pela história das idéias. Aqui estão estes *insights*, que você encontra na tragédia grega também, tendo sido necessários séculos e séculos de luta humana conectando a vida psíquica ao pensamento para se atingir o final do século XIX, quando Freud pôde fazer estas descobertas de uma maneira muito mais profunda e estável e não ser criticado por isso. Esta é uma das razões do meu profundo respeito por Freud, enquanto pensador e observador da natureza humana e também enquanto ser humano.

E agora sobre fatores não psicanalíticos. O que me ocorre, e aqui eu vou me entregar a uma livre associação, é que meu pai era de uma certa forma uma figura política na comunidade rural em que eu cresci, ele era um pequeno produtor – todos os produtores eram pequenos naquela época – e eu tenho duas lembranças dele que acredito terem contribuído muito para a formação do meu ego ideal, lembranças que também me deixavam muito orgulhoso. Uma delas foi a descoberta de sua habilidade em ser um promotor da paz. Lembro-me de sentar-me e observá-lo – eu era um garotinho e me impressionava muito com isso – nas reuniões do conselho, quando havia uma grande discussão, todo mundo bravo e gritando uns



com os outros, e ele fazia uma intervenção que permitia às pessoas se reconciliarem e encontrarem uma forma construtiva de resolver o dilema.

Meu pai não era uma pessoa psicologicamente sofisticada, e eu acredito que parte do que me atraiu para a psicanálise é a maneira clínica e terapêutica de capacitar as pessoas para resolverem conflitos internos, com suas paixões, sua vida de instintos com toda sua riqueza e estranheza, tentações, às vezes com um superego puritano que parece abolir os caminhos legítimos da vida de instintos. A psicanálise parece provocar uma reconciliação destes elementos conflitantes da personalidade.

Completei, pois, minha formação no Instituto de Toronto, fui aceito como membro da Sociedade Canadense de Psicanálise e embarquei em uma carreira que foi metade acadêmica – era professor de filosofia na universidade – e metade clínica, psicanalítica. Eu não sei como funciona com os professores no Brasil, mas no Canadá os professores chegam à universidade às dez horas da manhã, eu costumava chegar às sete. Atendia pacientes de manhã cedo, antes de os estudantes ou os colegas chegarem e de eu organizar os meus horários de aulas para o dia, e atendia de novo no fim da tarde. Meu dia era longo, mas gostava muito disso.

Gradativamente fui reduzindo a carga de ensino de filosofia, porque fiz um contrato com meu departamento para lecionar psicanálise. Passei, então, a ministrar um curso introdutório ao pensamento de Freud o ano todo. Desde *A interpretação dos sonhos* até *O mal-estar da civilização*. Não ensinava os casos ou trabalhos clínicos, mas aprofundava-me na teoria e nas observações de Freud enquanto desenvolvia a teoria psicanalítica.

Não havia outro lugar para estudar as idéias de Freud: o Departamento de Psicologia era completamente cognitivo e comportamental. Eu tinha classes cheias de alunos, e a Faculdade de Artes e Ciências liberava verba para cada departamento de acordo com o número de estudantes matriculados no mesmo. Por isso o Departamento de Filosofia estava preparado para me deixar lecionar cursos de psicanálise, o que fez com que por muitos e muitos anos eu não lecionasse filosofia formal; ensinava uma introdução ao pensamento de Freud, um seminário para a graduação de psicanálise aplicada, as aplicações da psicanálise na literatura, filosofia e história e uma cadeira que se chamava *Freud para alunos da pós-graduação*. Havia os alunos apenas interessados em saber um pouco mais sobre Freud e aqueles que - uma boa parte deles - pretendia recorrer às idéias de Freud para suas pesquisas de tese.

Assim eu acabei não sendo um filósofo e um psicanalista, mas um professor de psicanálise e um psicanalista clínico, alcançando finalmente unificar minha vida profissional.



RP – *O senhor publicou um livro sobre o conceito de verdade no qual propõe que este conceito fundamenta o método psicanalítico tanto em psicanálise clínica quanto aplicada. Como o senhor pensa o conceito de verdade em psicanálise na atualidade? Os conceitos de Bion sobre verdade influenciaram seu pensamento ao desenvolver este tema?*

CH – Há três teorias ou três versões refinadas sobre a verdade na filosofia. Basicamente três teorias. Uma é a teoria da correspondência, que diz que para uma afirmação ser verdadeira ela deve corresponder a um estado objetivo de eventos ou um conjunto de fatos. Se eu disser que há três garrafas de água nesta mesa é verdade porque você olhará para a mesa e verá que há três garrafas de água; a afirmação corresponde a um conjunto de fatos objetivos, aos objetos. Há uma segunda teoria, que é a teoria da coerência, que diz que uma afirmação é verdadeira se ela for coerente com outras afirmações verdadeiras e, juntamente com estas, conceber uma explicação para alguma coisa. E a terceira teoria é a teoria pragmática, que diz que uma afirmação é verdadeira se ela funciona, se serve como base para efetuar alguma mudança na natureza.

Então, a visão que eu desenvolvi em um trabalho e que fez parte do livro era de a coerência ser uma condição necessária para que haja verdade em uma afirmação: ela deve ser consistente com outras afirmações que nós já tomamos por verdade ou sabemos ser verdade, e se a afirmação não é coerente neste sentido, ela não é verdadeira. Mas isso, e este foi meu argumento, não é critério suficiente de verdade porque, por exemplo, a visão de mundo de um psicótico é magnífica em sua coerência, mas não é verdade. E nós observamos isto às vezes em pacientes esquizofrênicos, eles podem elaborar alucinações completas, totalizando todos os aspectos de suas experiências e agindo de uma maneira que é consistente com seu sistema de delírios, mas mesmo assim não têm contato com a realidade. O que falta nisso é a correspondência com o mundo real.

O mesmo também é verdade, digamos, mais sutilmente, na matemática. Nós todos acreditamos por séculos que a geometria de Euclides era uma verdadeira descrição de espaço métrico objetivo. Até que Hermann, de maneira séria e determinada, desenvolveu a geometria não-euclidiana que descreveu as curvas baseada na premissa de que a menor distância entre dois pontos não é uma linha reta, mas uma curva. Quando você voa de Toronto a Porto Alegre, você está viajando num espaço curvilíneo, então o caminho do avião de Toronto até aqui não é uma linha reta entre dois pontos do globo.

De uma forma geral a teoria da relatividade assume que o espaço é curvo; então a geometria de Euclides é provavelmente o sistema de matemática mais



perfeitamente coerente descoberto ou construído, mas acaba não sendo verdade, apesar de esta parecer auto-evidenciada por nossa experiência comum, à primeira vista. Podemos então dizer que a coerência é necessária à verdade, mas não é em si mesma um critério suficiente de verdade. Portanto devemos também introduzir o conceito de correspondência, o critério de correspondência.

Deixando o pragmatismo de lado só por um momento, se você pensar no trabalho de Freud, há um exemplo do seu uso da coerência como critério de verdade no argumento que o levou da teoria da conversão da ansiedade para a teoria da ansiedade como sinal. Um dos argumentos filosóficos, aqui, é que a teoria da conversão é incoerente porque ela não disponibiliza o conjunto de afirmações que você precisa para fazer uma teoria, pois estas afirmações têm que ser coerentes, completas, têm que constituir uma explicação. Mas a teoria da conversão não nos dá uma explicação de como a ansiedade causa a repressão que transforma a libido em ansiedade. Ele tem a galinha, mas não o ovo.

Então Freud usava o critério da coerência, mas ele também usava a correspondência ou a teoria da verdade. Você verá que a interpretação dele é verdade apenas se se relacionar de maneira suficientemente boa com o que é real no paciente. E é nesse ponto que Freud introduz, que ele usa o critério pragmático de que a interpretação pode ser adicionalmente conhecida como verdade, porque às vezes é difícil para nós termos certeza se a interpretação está ou não correspondendo àquilo que é verdade para o paciente.

RP – Considerando que a psicanálise lida com fatos imateriais, como nós podemos juntar esta maneira de olhar a observação e a percepção da materialidade com a realidade psíquica?

CH – Bom, a vida psíquica, os sentimentos, as motivações, os humores, os pensamentos, a moral, a sensibilidade, os ideais, são psicológicos em sua natureza; eles têm uma origem material em nosso cérebro, em nosso sistema sensorial, em nossa bioquímica, mas não são, em sua natureza, de maneira alguma simplesmente matéria inanimada. Suas substâncias são matéria, mas sua existência é psicológica. Eu acho que é mais difícil, na maior parte do tempo, fazer observações precisas de realidades psicológicas. Mas é perfeitamente possível fazer isto.

Vocês todos têm estado a olhar para mim, e creio que devem ter percebido que eu tenho um certo prazer intelectual na discussão, eu me empolgo. Isto é psicológico, vocês concordam com isso, assim como concordariam que meu cabelo está ficando grisalho. Meu cabelo é físico, minha curiosidade sobre as idéias e



argumentos é psicológica, mas ambos podem ser observados. Sou levado a crer que fazer observações no trabalho clínico de psicanálise pode ser difícil. Nós cometemos todo tipo de erros grosseiros e somos insensíveis às vezes. Mas ainda assim geralmente somos capazes de perceber quando um paciente está de luto ou está triste, ou quando o paciente está muito zangado com você numa transferência negativa. E quando interpretamos estas coisas para o paciente, estamos fazendo afirmações que têm relação com o que está acontecendo com ele, com o que é vivenciado por ele, e o paciente pode aceitar que o que nós dizemos é verdade, contanto que não esperemos demais dele e que as nossas interpretações estejam em um nível próprio. É uma pergunta muito importante a que você propôs, porque às vezes nós temos boas razões para estar céticos ou inseguros, e aqui o critério pragmático pode contribuir para o nosso raciocínio.

RP – Só para entender a natureza do seu pensamento, o senhor acredita que nós sejamos capazes de fazer uma observação independente de uma teoria que tenhamos previamente na mente?

CH – Eu não acho que possamos fazer observações significativas sem ter uma idéia, uma pergunta, uma pista, às vezes apenas um palpite. Nós temos um pensamento que nem sempre é expresso verbalmente, mas está de alguma maneira lá para guiar nossa observação e sem essa atividade de pensamentos nós não seríamos capazes de fazer observações significativas. Algumas vezes nós não conseguiríamos, sem idéias, ver aquilo que olhamos, por mais que estejamos olhando.

Eu não estou sugerindo que idéias não podem às vezes se intrometer na nossa percepção e fazer com que sejamos um tanto puristas ou distorcer nossa percepção das coisas. Mas as nossas percepções não são sempre constituídas por nossas idéias. Uma coisa é as nossas percepções e observações serem guiadas por idéias, mas outra coisa é as idéias constituírem o que nós percebemos. Se nossas idéias constituírem aquilo que percebemos, então a pessoa estará conectada a alguma forma de epistemologia idealista. Se, pelo contrário, você imaginar que há pensamentos que guiam, mas não vão constituir percepções, então você é um realista. Por exemplo, minha percepção está agora sendo orientada pela pergunta de quantas garrafas há aqui na mesa, e se eu disser nove, a pergunta não vai decidir quantas garrafas há ou o que eu vejo. O que eu vejo confirma que há nove.

Eu estava tentando pensar em uma boa maneira de ilustrar isto, um exemplo clínico. Tenho um paciente, agora, que sofre de ansiedade patológica. É um jovem



francês, empresário de sucesso, com um alto nível de escolaridade. Ele pretendia fazer um passeio de bicicleta com os amigos nos Pireneus para celebrar sua formatura em Harvard quando sofreu um acidente muito sério: entrou de cabeça numa moto numa curva. Ele se machucou e, no lado psicológico, ele passou a acreditar que havia sido totalmente culpado, irresponsável, tendo causado o acidente. Também passou a achar que estava permanentemente desfigurado, acreditava, ainda, que sua carreira estaria arruinada porque a polícia francesa viria, o prenderia, o levaria a um juiz que o consideraria culpado e o mandaria para a prisão. Isto se associou com uma ansiedade enorme, dolorosa e debilitante.

Em tudo isso não se observa realmente culpa. E ele não estava ciente de sentir-se culpado, apesar dessa fantasia horrível de punição. Uma das associações que lhe ocorreu depois, enquanto trabalhava para superar o pior desta ansiedade, era a de brincar em uma praia na Itália quando era um garotinho e ver seu pai sendo retirado da água depois de quase se afogar. O paciente observou isso sem sentimento. Ainda não havia evidência alguma de culpa, nenhuma observação direta, mas sim uma inferência.

Aqui nós temos um exemplo de uma idéia formando uma interpretação, uma idéia postulando a existência de um afeto moral poderoso na vida deste paciente. Ainda assim ele vivenciou a coisa toda objetivamente, como se fosse algo desapegado dele até há pouco tempo. Embora eu não entre em detalhes, é importante colocar que, com outras interpretações e um trabalho com toda uma série de sonhos sobre ter sido abandonado, sua ansiedade cedeu e ele estava feliz, de volta ao trabalho.

Recentemente ele dirigia seu carro, sentia-se muito feliz indo para uma festa com a namorada, um churrasco na cobertura de um prédio alto com jardins,, mas, ao chegar em uma auto-estrada, cuja entrada não estava bem construída, ele não viu e cortou a frente de outro carro. O motorista ficou irado, balançando o punho na sua direção. Então, ao chegar à festa, o paciente se descobriu aterrorizado pela ansiedade de que tivesse causado um acidente e de que a polícia viesse, o levasse preso, o colocasse na frente de um juiz e o pusesse na prisão.

Eu lhe fiz, então, uma interpretação na qual ele foi capaz de reconhecer que não havia causado um acidente, não havia um acidente, ele havia imaginado um e sua ansiedade estava sendo gerada não por um evento externo, como acontecera no acidente anterior com a bicicleta, e sim por algo que vinha inteiramente dele mesmo.

RP – Este caso clínico do Dr. Hanly tem ligação com a pergunta seguinte que eu gostaria de fazer. Principalmente esta última interpretação. Suas



considerações sobre a epistemologia psicanalítica delineiam o idealismo crítico ligado à subjetividade e o realismo crítico ligado à objetividade como campos opostos. Embora proponha convergir nestes campos, o senhor defende a valorização da objetividade, isto é, segundo suas próprias palavras, “a tarefa do conhecimento em psicanálise é cultivar métodos de percepção, pensamento e interpretação, que os tornem adequados às realidades das vidas de nossos pacientes”. Esta posição que o senhor propõe se opõe àquela que preconiza a importância da mente do analista, que predomina na teoria do campo analítico e da intra-subjetividade?

CH – Sim. Voltando àquele exemplo, o paciente ficou consciente de sentir-se um criminoso devido ao sentimento de culpa. Este é um passo, e agora então a culpa, que eu havia suposto, se torna manifesta, observável, parte do processo de uma maneira mais aberta. Ainda subjetiva - estamos falando de uma pessoa - a culpa não se apresenta da mesma maneira que uma garrafa de água e, no entanto, é observável, e o paciente pode observá-la com seu próprio ego observador que está ciente que há alguma causa para a culpa, que o acidente que ele causou lhe faz crer que será levado ante um juiz e para a prisão. Então há uma outra hipótese que começa a guiar a observação clínica: o garotinho na praia cujo pai sofrera um acidente de natação terrível. E que sentimento? Um sentimento terrível nele, de triunfo.

Apenas para incluir também uma hipótese pragmática: se eu posso ajudar a torná-lo apto, através do processo analítico, a lembrar não apenas o que aconteceu, mas também como ele se sentiu e vivenciou o que aconteceu, ele será liberto destes ataques de ansiedade, ele não mais sofrerá destes ataques. Então há um teste pragmático, uma previsão do que vai acontecer, se uma hipótese que guia as observações, que guia as interpretações, for verdadeira.

RP – *No seu ponto de vista, na atualidade, que pensadores mais contribuem para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico e que diretrizes o senhor considera fundamentais na manutenção da formação e desenvolvimento da psicanálise no mundo?*

A primeira pessoa que me vem à mente é Ronald Britton da Sociedade Britânica. Alguém que eu respeito muito e que morreu recentemente é Janine Chasseguet-Smirgel. Penso que André Green escreveu alguns trabalhos com muito *insight* que são muito práticos clinicamente: *A mãe morta*. Devo confessar que



não leio Bion. Eu já li alguma coisa, mas não sou um entusiasta. Acho que ele tem percepções aforísticas interessantes. Ele afirma coisas de uma maneira muito desafiadora. Como, por exemplo, a ideia de que: “[...] o analista não tem memória, desejo [...]”.

Se você tomar isto literalmente, como pode pensar clinicamente, como estar em sintonia com o paciente para desenvolver um afeto apropriado em si próprio que responderá apropriadamente ao afeto que emerge no paciente e que possa guiar e influenciar a música da sua interpretação? Creio que ele na verdade não quis realmente dizer isso, mas sim que nós não devemos deixar nossos desejos ou nossas memórias contaminarem, distorcerem ou deturparem nosso pensamento ou nosso sentimento sobre a situação clínica do paciente.

Isso não é assim tão novo e impressionante e, de fato, concordo entusiasticamente com Bion nesse ponto. Eu acho esta qualidade de pensamento ao mesmo tempo estimulante, mas isso não me leva a utilizar os ensinamentos de Bion, ainda que sejam muito populares. Tenho certeza que as pessoas estão aprendendo muito estudando seu trabalho, mas creio que os três pensadores que mencionei antes me influenciaram muito mais.

Um analista americano que eu creio ser muito importante para mim é Warren Poland. Ele é particularmente sensível quanto a descrições de processos clínicos na psicanálise. Também Leonard Shengold com *O assassinato da alma*, aquela série de livros que escreveu, sobre relações objetais freudianas americanas. Ele se mostra muito sintonizado com o impacto sobre relações iniciais com os pais, penso que trabalha com uma visão freudiana inteligente e equilibrada sobre a forma pela qual conflito instintivo e traumas em relações objetais se unem para causar uma neurose severa. Outro que gosto de ler é Charles Brenner. Eu costumava usar seu livro-texto elementar de psicanálise quando ministrava o curso introdutório a Freud para os alunos. Ele não chega a ser um favorito, mas está com noventa e quatro anos e escreveu um livro recentemente com clareza e coragem tremendas porque leva adiante sua noção de teoria do compromisso para substituir a teoria clássica do conflito e a teoria estrutural. Discordo dele com relação a isso, mas me agrada a maneira como articula suas idéias e como desenvolve implicações sobre de que modo fazer a análise, o que tem tudo a ver com a prática clínica.

Outro analista americano que eu li e apreciei muito, apesar de não concordar inteiramente – acho que ele dá ao ego mais força do que realmente tem – é o Leo Rangell. Um autor latino-americano que eu gosto de ler, que li ao longo dos anos e me influenciou é Horácio Etchegoyen.



RP – *Baseado na sua experiência, o senhor poderia nos falar sobre as principais divergências e convergências do pensamento psicanalítico na América do Norte, Europa e América Latina?*

CH – Nada me ocorre no sentido de uma discrepância muito grande, mas há uma semelhança bastante interessante. Na América Latina, em conversas com os colegas, tenho observado um certo retorno não lacaniano a Freud. É complexo, pois julgo que é em parte uma expressão de busca por uma maior autonomia no trabalho e pensamento científico. Eu creio que de certa maneira alguns colegas latino-americanos se sentiram “colonizados” pelo kleinianismo britânico. Não que exista uma rejeição, mas há um sério movimento de pensamento no sentido de busca de uma integração mais próxima entre os pensamentos freudiano e kleiniano.

Uma espécie de oposto a isso, mas que leva à mesma coisa, se passa no norte da Europa, onde estão descobrindo Klein e se expondo a uma colonização britânica kleiniana. Alguns alemães organizaram grupos de estudo. Eles vão para a Inglaterra, ou analistas britânicos kleinianos vão à Alemanha para refletir sobre problemas clínicos e técnicas sob o ponto de vista kleiniano, tentando fazer esta integração com o pensador. A direção disso tudo é esta integração e síntese entre o pensamento kleiniano e o freudiano. Na própria Inglaterra - e isso é umas das coisas que me interessa no trabalho de Ronald Britton - pessoas como O’Shaughnessy, John Steiner, outros da escola kleiniana, estão se questionando, por exemplo, sobre a primazia do instinto de morte, o que para Hanna Segal é absolutamente óbvio.

Ronald Britton esteve em Toronto há dois ou três anos. Pediram-me para comentar uma publicação sua, o que usei como oportunidade para oferecer uma visão da ansiedade infantil inicial que levasse mais em conta a relação objetal. Então um dos meus colegas na platéia – com certeza esperando criar algum atrito – perguntou a Britton: “O que você achou da interpretação do professor Hanly sobre a ansiedade infantil inicial?” Ele sorriu e disse: “Me senti compreendido.”

Eu vinha de um fenômeno em que se extrapolavam idéias freudianas. Ele vinha de um ponto de vista mais kleiniano. Houve essa espécie de encontro de mentes. Os EUA estão em turbulência política, econômica e também quanto às teorias. Na psicanálise a psicologia relacional vem passando por um grande entusiasmo, está tomando o lugar da psicologia do *self*. Creio que a psicologia relacional vai morrer de uma morte natural. Mas há um processo mais profundo acontecendo. Os americanos eram muito hostis a Klein até há pouco tempo. Quando



eu era candidato, não se lia um único trabalho de Klein. Um britânico que se tornou meu amigo foi viver nos EUA, e o Instituto de Los Angeles recusou-se a aceitá-lo como membro porque ele era kleiniano. Isso tudo mudou.

Os analistas americanos sérios – se bem que sérios é uma visão subjetiva – os analistas americanos que eu tenho em alta conta (com exceção de Brenner, que criticou Klein recentemente) têm pensando mais seriamente em Klein de maneira teórica, clínica e no uso de sua técnica para analisar neuroses mais severas.

RP – Só para não ficar um possível mal-entendido, quando o senhor nos deu uma resposta dizendo que se opunha à inter-subjetividade e à participação do campo e da mente do analista no processo, o senhor não estava considerando isso como psicologia relacional?

CH – Não, porque eu acho que psicologia relacional... Ah, você, Calich, editou um livro para o qual eu fiz uma contribuição e apontou para uma confusão de terminologia que eu havia feito, porque eu tinha escrito como se – embora você soubesse que eu estava falando sobre psicologia relacional – tivesse falhado em diferenciar com clareza psicologia relacional da psicologia de gerações. É claro que são coisas muito diferentes. Na psicologia das relações objetais dentro da teoria kleiniana, Klein era uma crítica realista em seu pensamento. A minha visão da psicologia relacional é que ela é epistemologicamente dedicada ao subjetivismo. Por esta razão vai acabar havendo uma.

RP – E a intersubjetividade e o campo? Também?

CH – Sim, sim.

RP – Eu gostaria de agradecer ao Dr. Hanly pela sua disponibilidade depois de todo este fim de semana de trabalho. Foi um prazer para nós e uma honra ouvi-lo nesta entrevista. Muito obrigado.

CH – Muito obrigado, foi um prazer. O Calich tinha me convidado para vir antes do onze de setembro dar uma palestra sobre tratamento psicanalítico de pacientes suicidas. Eu fiquei muito grato pelo convite e estava ansioso para estar com vocês e conhecê-los, mas fui informado pela Air Canada que não poderiam garantir-me um voo de volta. Sob estas circunstâncias eu não pude vir, assim como muitas pessoas na mesma situação, todos bastante assustados. Mas finalmente



consegui vir a Porto Alegre e estou muito feliz com isso, com a hospitalidade amistosa, com o espírito curioso e intelectual com que me receberam. Obrigado. □

Tradução de **Ângela Silveira**
Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Charles Hanly
96 Elm Ave. M4W 1P2
Toronto ONT – Canadá
email: cema.hanly@utoronto.ca

© Revista de Psicanálise – SPPA